

Inequality in Education

Ana Jorge Almeida, Bruno Almeida, Inês Aguiar e Rita Romani

Sistemas Multimédia

Faculdade de Ciências da Universidade do Porto

Abstract

Neste projecto, falamos sobre desigualdade na educação, mais especificamente, sobre as diferenças entre os Países Desenvolvidos e os Países em Desenvolvimento. No entanto, também falamos superficialmente sobre as diferenças entre géneros embora não nos queiramos focar tanto nisso.

Pretendemos, assim, mostrar que a raça, género e nacionalidade são ainda, em pleno século XXI, factores importantes no direito à educação. Existem demasiadas crianças e jovens a viver em condições precárias e que, por isso, não poderão ir à escola.

Falamos sobre a literacia a nível mundial e em Portugal especificamente, um país onde a educação deverá ser mais inclusiva e onde somos todos obrigados a tê-la.

Categories and Subject Descriptors:

!

1. INTRODUCTION

Com as actividades realizadas ao longo do semestre nas aulas de Sistemas Multimédia, identificamos a desigualdade na educação como um problema social grave e ainda muito notório.

À luz da presente crise ambiental e a sua consequente popularidade, é da nossa opinião que certos problemas sociais, como o direito à educação, deixaram de ser tão acompanhados pela sociedade, perderam apoio da população e, consequentemente, o acesso a recursos devido a esta divergência de foco.

Reforçamos que não queremos diminuir o grau de gravidade entre os temas, mas pretendemos apelar à sensibilização de tópicos que ultimamente não têm sido reportados com tanto peso mediático como o aquecimento global. Para além de que acreditamos veementemente que parte da solução contra a crise climática trata-se de educar todos para com o assunto.

O acesso à educação é um direito reconhecido universalmente e, no entanto, nos dias de hoje verifica-se uma enorme disparidade quanto ao nível de educação entre as diferentes regiões do globo.

2. STATE OF THE ART

2.1 Literacia Mundial

De uma perspectiva histórica, os níveis de literacia da população mundial aumentaram drasticamente nos últimos dois séculos. Em 1820, apenas 12% sabia ler e escrever e, em 2016, 14% da população permanecia iletrada. Ao longo dos últimos 65 anos, a percentagem de literacia mundial aumentou 4% a cada 5 anos.

Embora tenham havido grandes avanços na educação, podemos ainda ver falhas enormes que já não deviam estar presentes no século XXI. Nos países mais pobres do mundo, onde é notável que a falta de acesso à educação afecta o desenvolvimento do país, a grande maioria da população é iletrada. Na Nigéria, por exemplo, apenas 36,5% dos jovens entre os 15 e os 24 anos têm acesso à educação.

Literacy rate, 2015

Estimates correspond to the share of the population older than 14 years that is able to read and write.

Our World in Data

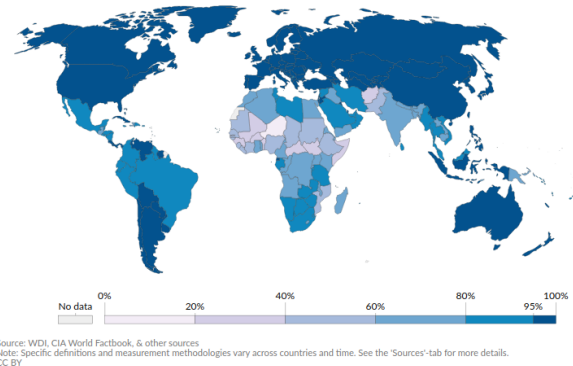


Fig. 1. Percentagem de literacia em 2015.

Mundialmente, 86% dos jovens com mais de 15 anos andou na escola. Há ainda 750 milhões de adultos iletrados no mundo, maioritariamente mulheres.

2.2 Literacia em Portugal

Em Portugal, o ensino obrigatório vai até ao 12º ano e não há discrepância entre géneros. Quem não tiver aptidão para prosseguir estudos é sempre encaminhado para áreas mais práticas, conhecidas como ensino profissional, para que todos tenhamos o mesmo nível de educação. É nos jovens de famílias carenciadas e nas regiões do interior do país que se encontram percentagens mais elevadas de insucesso escolar, uma realidade que atinge mais rapazes do que raparigas.

Hoje em dia, fala-se muito de literacia digital e aposta-se cada vez mais em educar os jovens para usar as novas tecnologias, para que se sintam incluídos num mundo em constante mudança.

Em Portugal, as diferenças na educação notam-se mais em famílias carenciadas, como referido anteriormente, e é nestes casos que poderíamos falar sobre desigualdade na educação. Não se tratando de uma questão de dificuldade de acesso, mas sim dificuldade de aprendizagem, e dado que toda a gente terá de concluir a escolaridade obrigatória, não iremos aprofundar este tema.

2.3 Desigualdade educacional

2.3.1 Género.

A desigualdade entre géneros tem vindo a baixar, sendo que é mais visível em gerações mais antigas, e estima-se que a diferença diminua ao longo das próximas décadas nos países desenvolvidos. No entanto, a desigualdade na educação ainda é muito visível nos países em desenvolvimento, onde as mulheres não têm acesso ao mesmo tipo de educação que os homens.

Em 2009, cerca de 35 milhões de mulheres em idade escolar não tinham acesso a educação, a conclusão de estudos ou a aquisição de

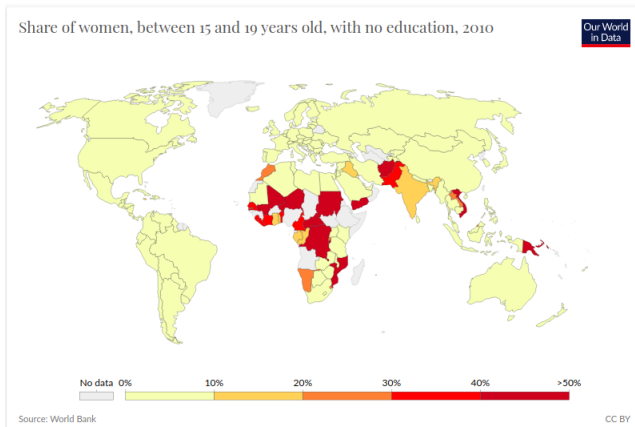


Fig. 2. Percentagem de mulheres, entre os 15 e os 19 anos, sem acesso a educação em 2010.

Household and community-level barriers	The gender dimension
Direct costs of education such as fees, clothing, shoes, books and supplies	If a choice has to be made between sending a boy or a girl to school, the boy will usually be given precedence.
Indirect costs of education, such as the opportunity cost of not using child labor	Traditional division of labor often disadvantages girls (more likely to have to work in the home, care for siblings etc.).
Attitudes and cultural practices, such as traditional beliefs, gender stereotyping, lack of knowledge on benefits of education, gender-differentiated child-rearing practices	Early marriage, low status of women, and intractable patriarchal societies often result in lower priority on education of girls. Content of education may reinforce gender stereotypes and, thus, discrimination is perpetuated.
Health-related issues, including poor nutrition and HIV and AIDS	Girls often more likely to care for family and work. Girls without family stability more vulnerable to exploitation. Boys often receive more food than girls.
Situations of crisis and instability	Girls more frequently required to head households; boys more frequently recruited into military service.

Fig. 3. Obstáculos que impedem as mulheres de ter o mesmo direito que os homens à educação.

capacidades básicas, enquanto que 31 milhões de homens em idade escolar estavam na mesma condição.

Já há diversos grupos dedicados a levar a educação a todos nos países em desenvolvimento, para que tanto homens como mulheres tenham direito ao mesmo tipo de educação. No entanto, há ainda uma mentalidade muito retrógrada nestes países e há muito desrespeito para com a mulher, assumindo o homem que a mulher lhe é inferior e portanto existe para o servir e não deve ter acesso ao mesmo que ele. Existe, portanto, a necessidade de moldar mentalidades, processo que é bastante desafiante.

2.3.2 Países Desenvolvidos vs. Países em Desenvolvimento. Enquanto que na Europa, América do Norte e Oceânia temos todos igual direito à educação, temos escolaridade obrigatória e boa qualidade de ensino, em alguns países da América do Sul, África e Ásia

o mesmo não acontece. Os países mais pobres estão a anos-luz dos restantes no que toca a qualidade de educação. Segundo o *Global Education Monitoring Report* de 2017, 61 milhões de crianças dos 6 aos 10 anos não têm a oportunidade de ir para a escola - mais de 32 milhões destas crianças vivem na África Subsaariana, quase 11 milhões vivem no sul da Ásia e 53% destas crianças são do sexo feminino.

Muitas crianças frequentam a escola, mas desistem muito cedo na escola primária. Apenas 59% das crianças na África Subsaariana completam a escola primária. A UNESCO estima que mais de 50% das crianças na escola primária em todo o mundo e mais de 60% dos jovens que ainda não frequentam o ensino secundário, não conseguem ler a um nível básico.

Em 2015, havia 62 milhões de jovens que não continuaram a estudar após terminar a escola primária. Mais de 140 milhões de adolescentes e jovens adultos não tiveram a oportunidade de fazer exames de entrada à Universidade ou de ter um diploma de estudos para ficar qualificados para trabalhar. Há 750 milhões de jovens e adultos, acima dos 15 anos de idade, que não sabem ler nem escrever.

São números alarmantes e parecem impossíveis a quem vive num dos países desenvolvidos, a quem foi dado tudo e a quem tem tudo como garantido.

2.4 Projecções de uma futura educação

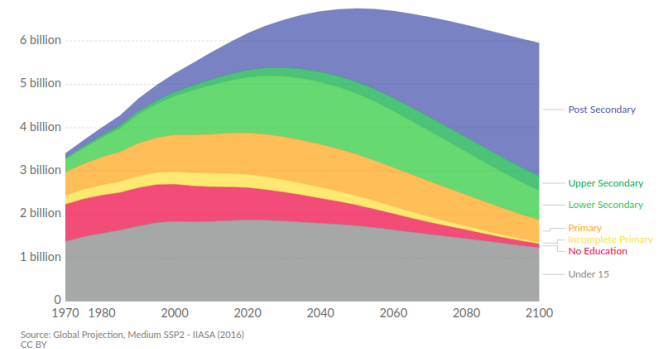


Fig. 4. Projecção da população mundial por nível de educação.

Estima-se que em 2050, apenas cinco países terão uma percentagem de educação acima dos 20% - Burquina Faso, Etiópia, Guiné, Mali e Nigéria. Também se estima que haverá um maior número de pessoas a licenciarem-se e mais jovens a completar o ensino secundário.

Isto significa que provavelmente, em 2050, ainda não teremos todos igual acesso à educação, embora haja mais jovens a frequentar a escola. Os números vistos na secção anterior irão diminuir, mas não serão 0%.

3. CAMPAIGN CONCEPT

Com o nosso projecto, pretendemos sensibilizar e alertar para a realidade que nos é tão alheia e iremos, portanto, fazer um vídeo para atingir esse fim. Neste vídeo, vamos mostrar as diferenças entre a população dos países desenvolvidos e dos países em desenvolvimento pela sua atitude, a maneira de encarar o ensino obrigatório e os recursos que têm. Queremos com isto abordar o facto de, para



Fig. 5. Crianças em Shade Bara, Herat, Afeganistão.

nós, a escola ser vista como uma obrigação e um fardo, sem pensar que do outro lado do mundo haverá alguém que desejava ter as mesmas oportunidades e a sua única falha foi nascer no lugar errado.

Queremos que os nossos colegas sintam empatia e que, por isso, se sintam tentados a ajudar como puderem.

4. THE MAKING

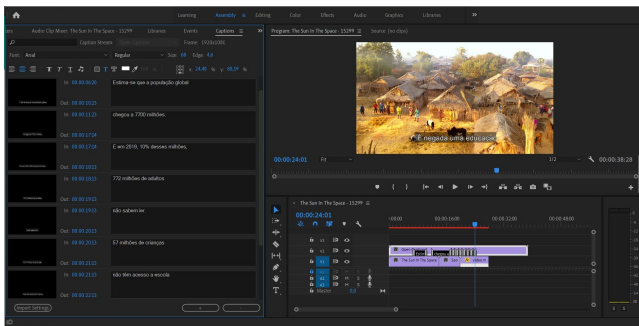


Fig. 6. Interface do Adobe Premiere PRO CC

Após pesquisar sobre o tópico em causa e vídeos relativos à Educação, compilamos um conjunto variado de imagens que concordamos que transmitem a mensagem correcta que pretendemos passar. Seguiu-se o processo de criação e eliminação de guiões entre o grupo. Quando chegamos a um consenso num único guião procedemos à sua realização. Para tal usamos a versão mais actual do *Adobe Premiere PRO CC*. Compilamos uma série de vídeos do *Youtube* que serviram de inspiração e modelo e que tentamos replicar na maneira como cativam a audiência e a sua fluidez. Recorremos a bancos de imagem e filmagens como o *pixabay*, o *pexels* e *videvo*, cujas comunidades disponibilizam conteúdo temático gratuito com qualidade profissional para assim criar, à nossa imagem, a narrativa que pretendíamos. Os vídeos que transferimos destes *websites* foram editados e adicionados no nosso projecto final usando sempre o *Adobe Premiere Pro CC*.

5. RESULTS

screenshots of the video with explanation of what is on the images.

6. CONCLUSIONS

Antes de começar a realizar o vídeo, o grupo tentou chegar a um consenso sobre a narrativa que queria criar. No início, parecia ser

simples devido ao facto de estarmos os quatro membros a investigar sobre o mesmo assunto, de modo a ficarmos igualmente informados e fomos sempre sendo dinâmicos nas diferentes aulas práticas em que estivemos reunidos, mas rapidamente percebemos que cada um de nós tinha uma visão e opinião distinta. Para além disso, o nosso projecto final depende bastante de conceitos visuais e comunicar estas ideias visuais foi, às vezes, um obstáculo, porque são subjectivas e relativas a cada indivíduo e facilmente a linha que a narrativa do vídeo seguia ficava emaranhada devido à quantidade e diferença de opiniões.

Quando começamos a eliminar opções tendo em conta factores como relevância, duração, objectivos, a opinião da professora e as nossas capacidades, tornou-se mais fluído o nosso ritmo de trabalho pelo que foi possível culminar os nossos esforços num único guião que apela aos quatro membros deste grupo. É de realçar que tendo um conceito do guião consolidado facilitou imenso a visão do vídeo.

Quanto a editores de vídeos, poucos do nosso grupo tinham conhecimento nesta área mas reconhecemos todos *Adobe Premiere Pro CC* como um dos programas mais conhecido e aclamado pelo que decidimos utilizá-lo no nosso projecto. Durante a edição do vídeo deparamo-nos com dúvidas quanto à importação e conversão de qualidade de vídeos, sincronização de *frames*, adição de títulos, legendas e manipulação dos diversos painéis disponíveis que assumimos ingenuamente ser simples, mas por métodos de tentativa e erro e recursos disponíveis em fóruns dedicados a *troubleshooting* deste complexo editor conseguimos superar.

A um dado ponto do projecto achamos que a nossas ideias estavam a ser limitadas pelo conteúdo disponível no *Youtube*, como pretendíamos manter alguma autenticidade, originalidade e contar a nossa própria história, recorremos a bancos de imagem e filmagens, cuja qualidade e organização temática surpreendeu-nos e, ajudou a tornar mais coeso o nosso vídeo e a elevar a qualidade apresentada. Estes *websites* facilitaram a transformação do nosso conceito mental para algo físico apesar de se ter tornado exaustivo o processo de procurar filmagens fiéis à mensagem que queríamos transmitir.

Acreditamos que o nosso vídeo transmite claramente o nosso objectivo em alertar a sociedade a este problema e que a sua partilha e transmissão seria eficaz.

REFERENCES

- <https://ourworldindata.org/literacy>
- <https://ourworldindata.org/educational-mobility-inequality>
- <https://www.bmz.de/en/issues/Education/hintergrund/bildungssituation/index.html>
- <https://ourworldindata.org/projections-of-future-education>
- <http://www.dgeec.mec.pt/np4/1031.html>